



USOS, AUTORIA E PROCESSO DE CONFECCÃO DO MAPA-MÚNDI DE HEREFORD, SÉCULO XIII*

Paulo Roberto Soares de Deus**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
(CNPq)

paulorsd@gmail.com

RESUMO: O mapa de Hereford é o maior mapa-múndi que sobreviveu à Idade Média. Possui 1,59m de altura por aproximadamente 1,40m de largura. Apresenta uma descrição do mundo muito rica, com cerca de 1.100 legendas – em latim (internas ao mapa) e anglo-normando (externas ao mapa). Foi confeccionado na Inglaterra ao final do século XIII por Ricardo de Haldingham e possuía um uso polivalente (pedagógico, devocional, presente de luxo).

ABSTRACT: The Hereford map is the biggest world-map that had survived the Middle Age. It possess 1,59m of height for approximately 1,40m of width. It presents a very rich description of the world, with about 1.100 legends – in Latin (internal to the map) and Anglo-Norman (external to the map). It was confectioned in England about the end of XIIIth century for Ricardo de Haldingham and had a multipurpose use (pedagogical, devotional, luxurious gift).

PALAVRAS-CHAVE: Mapa – Medieval – Polivalente

KEYWORDS: Map – Medieval – Multipurpose

Um dos mais famosos mapas-múndi medievais é o que está exposto na Catedral de Hereford, Inglaterra. É o maior que sobreviveu intacto ao período, com cerca de 1,60m de altura, e hoje além de objeto acadêmico é uma atração turística em sua pitoresca cidade. Sua confecção realizou-se ao final do século XIII, provavelmente iniciada em Lincoln, ao norte da Inglaterra, sendo depois transferido para Hereford, onde foi concluído. Para bem entender o processo de confecção deste mapa, faz-se necessário compreender o sistema de pensamento em que se enquadrava.

* Este artigo é adaptação de parte de um capítulo da tese doutoral do autor, defendida em maio/2005 e que tem por título **A forma do mundo:** o programa iconográfico do mapa-múndi de Hereford, século XIII.

** Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Analista em C&T – Pleno, do CNPq. Responsável pelo acompanhamento do Programa Básico de Pesquisa em História. Coordenador Substituto (equivalente a Vice-Coordenador) de Ciências Humanas e Sociais.

Um mapa é uma representação gráfica que facilita a compreensão espacial de coisas, conceitos, condições, processos, ou eventos no mundo humano.¹ Tal definição busca englobar objetos tão diversos quanto o *pinax* grego, a *forma* romana e a *forma mundi* medieval, até alcançar os atuais modelos cartográficos, cada vez mais dependentes de aparatos tecnológicos ligados à computação e à observação via satélite. Entendendo-se os mapas como resultado de um olhar sobre o espaço, insere-se a história da cartografia na mais vasta história da percepção e representação do espaço. Essa história não se resume ao alinhar de desenvolvimentos técnicos que indicam um progresso unidimensional que seguiria de uma representação entendida como menos acurada a uma mais precisa do espaço. Diferentemente do que pode apontar uma cartografia que se entende mais exata, os mapas não são representações neutras dos entes que ocorrem ao redor de seus produtores ou utilizadores. Referem-se a eventos ‘no mundo humano’. São produtos de uma específica visão de mundo.

Não havia no latim medieval uma palavra que correspondesse exatamente ao significado de ‘mapa’ – ausência também notada nas línguas romance.² Quando se referiam a descrições gráficas de um dado espaço os medievais utilizavam palavras que podem ser traduzidas literalmente como ‘desenho’ ou ‘pintura’. Mapas-múndi não raro eram chamados de *historia* ou de *imago* (imagem), num processo metonímico, pois geralmente se inseriam em livros de história ou *imagines mundi*, que descreviam as partes da Terra. Como uma *imagem* em um espelho, os mapas refletem o mundo, tornando visível uma realidade que não poderia ser globalmente acessada de maneira direta, em especial quando se trata dos mapas-múndi.

Jean Wirth³, trabalhando com a noção de imagem na Idade Média (mais exatamente nas discussões que realiza sobre a Baixa Idade Média⁴), a insere no sistema filosófico do período e a define a partir de percepções e categorias aristotélicas. Um objeto existe independentemente de sua imagem, mas a capacidade de dar-se a ver permanece como potência até que uma imagem sua apareça, torne-se ato. A imagem de

¹ HARLEY, J. B.; WOODWARD, D. (ed.). **The History of Cartography**. Chicago: Chicago University Press, 1987, vol. 1, p. xvi. “Maps are graphic representations that facilitate a spatial understanding of things, concepts, conditions, processes, or events in the human world”.

² HARVEY, P. D. A. **Mappa Mundi: The Hereford World Map**. Hereford/Londres: Hereford Cathedral & British Library, 1996, p. 07.

³ WIRTH, Jean. **L’image médiévale: naissance et développements (VI-XV siècle)**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1989.

⁴ Entendendo-se por Baixa Idade Média o período entre os séculos XII e XV. O livro de Wirth aborda toda a Idade Média. Os capítulos finais concentram-se na Baixa Idade Média.

um homem existe em potência, mas só se torna ato nos olhos de quem lhe enxerga ou sobre a superfície de um espelho. De modo semelhante, as imagens do espaço só podem ser percebidas quando olhadas diretamente ou na superfície de um mapa (uma *imago*). Os mapas-múndi resultam na única possibilidade de ver o mundo – por meio de sua *imago*. Esta, porém, não era entendida como uma cópia ou reprodução, mas como um reflexo ou o resultado de uma potência. O mapa era um *ato* do ente que refletia.

Apesar da inexistência de uma palavra específica para ‘mapa’, outro termo comum para se denominar os mapas-múndi era a expressão *mappamundi*. *Mappa* em latim clássico traduz-se literalmente por lenço. Ao longo da Idade Média passou a designar qualquer pedaço de tecido, assim como os mantos. Desse modo, a expressão *mappamundi* pode ser traduzida como tecido do mundo, tanto no sentido do material utilizado para dar suporte ao desenho quanto da matéria que o recobre, e revela sua forma. Um *mappamundi* é, pois, um reflexo, uma *imago* do mundo, que captura sua *forma*, como um manto captura a forma de seu portador e o espelho a do objeto a que se expõe. A *forma* existe em potência, mas só é percebida quando apresentada em ato, ou seja, quando se constitui em *imago*. A descrição cartográfica do mundo realizada pelos medievais é mais bem descrita como uma *imago mundi*. Seus mapas, ou suas representações gráficas, devem ser entendidas como *formae mundi* (formas do mundo).

A cartografia medieval, portanto, não produzia mapas-múndi mas *formae mundi*, transformando em objetos visíveis, em *ato*, a invisível realidade do mundo. Estes objetos não possuíam a função de orientar seus leitores em deslocamentos no espaço físico que lhes circundava, mas apresentavam verdades eternas sobre a constituição do mundo, seu lugar neste e reforçava a necessidade de superá-lo, na busca pela Salvação.⁵ As *formae mundi* não podem ser dissociadas dessa percepção.

1. O mapa na Catedral

A Catedral de Hereford é uma das mais antigas da Inglaterra, tendo sido edificada pela primeira vez, apesar de em um sítio que não corresponde ao atual, no século VI. Sofreu alguns incêndios e o prédio hoje de pé teve suas partes mais antigas (o coro, os transeptos e as naves laterais do coro) construídas ao final do século XI. Ao

⁵ Para finalidades práticas de deslocamento utilizavam-se outras modalidades de *imagines mundi*, como os itinerários, que não serão abordados neste breve artigo. Os mapas-múndi eram dominados por figuras religiosas, indicando uma visão teocêntrica do mundo e muitas vezes escatológica.

final do século XII as primeiras modificações góticas começaram a ser implantadas na catedral. Ao longo do século XIII acréscimos foram feitos à construção original, como a Capela de Nossa Senhora (*Lady Chapel*), a cripta, o clerestório do coro e o transepto norte (em 1260), que apresenta arcos pontiagudos e largas janelas. Nos séculos XIV e XV novos acréscimos foram realizados e no século XVIII a torre oeste caiu, destruindo parte da igreja, que teve de ser refeita. No início do século XX a fachada ocidental foi reformada e ganhou um novo aspecto com uma janela de vidro em homenagem à Rainha Vitória.⁶

Ao final da década de 1980, enfrentando problemas financeiros e com dificuldades de manter o prédio, o bispo de Hereford anunciou um leilão para a venda do mapa mantido sob guarda da catedral, o que gerou comoção em toda a Inglaterra. A própria Rainha Elizabeth II manifestou-se contra este então chamado atentado ao Patrimônio Histórico Nacional Inglês. Fundou-se o *Hereford Mappa Mundi Trust*, que arrecadou fundos suficientes não só para sanar os problemas da diocese como para permitir a reforma da Biblioteca e a construção de um espaço para exposição do mapa. Até então, o mapa de Hereford era objeto de uns poucos estudos. Ficava na biblioteca, dobrado e só era consultado pelos pouquíssimos que o conheciam.

O primeiro registro do mapa na biblioteca de Hereford é do século XVII.⁷ Não se sabe se antes desta data era exposto na catedral ou se sempre estivera na biblioteca. A maior parte dos trabalhos sobre o mapa considera que deve ter sido exposto na nave pelo menos em algumas ocasiões. Naomi Kline⁸ considera que o mapa deveria estar em constante exposição próximo ao túmulo de São Tomás de Cantilupe, sepultado em uma das naves laterais, como mais um elemento de atração para peregrinos.

É forte a hipótese de que o mapa fosse constantemente exposto, pois inseria-se em um tríptico (figura 1), formado por duas partes laterais móveis e uma central fixa. No centro ficava o mapa e à sua esquerda e direita duas portinhas que serviam para sustentação do conjunto, quando abertas, e de proteção do mapa, quando fechadas. Ao lado direito do mapa desenhava-se um anjo, e ao esquerdo Maria. O mapa devia compor

⁶ Fotografias da Catedral podem ser acessadas em seu *web site*: <<http://www.herefordcathedral.org/>>.

⁷ O livro de notas de Thomas Dingley of Dilwyn, escrito em 1682. Faz-se uma descrição do mapa e indica-se a biblioteca como lugar de guarda. Cf. HARVEY, P. D. A. **Mappa Mundi**: The Hereford World Map. Hereford/Londres: Hereford Cathedral & British Library, 1996.

⁸ KLINE, Naomi. **Maps of Medieval Thought**: the Hereford paradigm. Woodbridge, Suffolk [Inglaterra]: Boydell Press, 2001, p. 76-78. Ver também nota 56.

um conjunto com outras imagens. Também poderia ser exposto isolado perto do coro, onde apenas os clérigos o veriam, ou, conforme pensa Kline, próximo ao túmulo de São Tomás de Cantilupe. Na década de 1770 este tríptico ainda existia e foi desenhado por John Carter.⁹

Em algum momento do século XIX as duas portas laterais foram retiradas e perderam-se. O painel central, desaparecido, foi reencontrado em 1989. Estava jogado e amontoado com vários outros restos de madeira, metal e papel em um depósito nos fundos da catedral. Testes de radio-carbono datam a moldura de entre 1040 e 1280. As duas pranchas que fechavam o mapa por trás foram datadas de entre 890-1020 e entre 1270-1400, respectivamente. É provável que estas pranchas, ao menos uma delas, tenham sido retiradas de partes mais velhas da igreja. O estilo da moldura lembra o gótico. A mesma certamente foi feita para guardar o mapa na época de sua conclusão. A estreita relação entre o mapa e o tríptico indica que desde o início havia a intenção de expô-lo.

A finalidade desta exposição é, porém, incerta. Não há evidências que indiquem onde, quando e porque o mapa era exposto. Assim, abre-se espaço para inferências, como a de Kline. Marcia Kupfer¹⁰, em posição diversa, acredita que o valor de imagem sacra do mapa era pequena, senão inexistente. Para ela não se pode assumir que o mapa e o tríptico uniram-se prontamente e, ainda, deve-se ter em mente que um mapa é um objeto não muito apropriado a um altar ou a atitudes de devoção. Além disso, nos séculos XI e XII, era relativamente comum que monges utilizassem mapas para lecionar. Seria possível, então, que o mapa fosse usado na escola da catedral, e não em sua nave, com finalidades pedagógicas mais estreitas. Kupfer admite que o mapa podia ser usado para instrução dos iletrados, mas este seria um uso marginal.

O caráter pedagógico do mapa é inquestionável, afinal as imagens eram usadas no cristianismo medieval, pelo menos desde Gregório Magno, como fonte de informações sobre as verdades da Bíblia e da fé. Todavia, Kupfer apresenta uma perspectiva que estreita o uso do mapa. Ainda que o mesmo tenha sido utilizado para aulas mais formais na escola da catedral, seu uso como ornamento na nave não pode ser

⁹ John Carter escreveu **Specimens of the Ancient sculpture and painting**, cujo primeiro volume foi publicado em 1780. Cf. HARVEY, P. D. A. **Mappa Mundi: The Hereford World Map**. Hereford/Londres: Hereford Cathedral & British Library, 1996, p. 15-16.

¹⁰ KUPFER, Marcia. Medieval World Maps: embedded images, interpretive frames. In: **World and Image**, n. 10, 1994, p. 262-288.

tão rapidamente descartado. O uso do anglo-normando nas inscrições externas ao mapa propriamente dito indica que sua destinação era para um público mais amplo que os escolásticos que conhecessem o latim. O leigo e o clérigo de camadas inferiores que soubesse apenas algumas palavras na língua da Bíblia, mas apreciassem poesia e romances de cavalaria e amor estavam entre o público alvo do mapa.

No século XIII o anglo-normando era a língua literária por excelência da Inglaterra – note-se que a historiografia inglesa e norte-americana denominam o anglo-normando já como ‘francês’. Sua popularização não pode ser atribuída diretamente à invasão normanda de 1066, pois apenas muito depois esta forma de escrita popularizou-se entre os bem educados. De acordo com Clanchy¹¹ o anglo-normando tornou-se a língua escrita predominante, apesar do inglês já ser a língua usada no cotidiano, num movimento internacional posterior a meados do século XII que pôs o ‘francês’ e sua cultura como modelo para quase toda a Europa. O anglo-normando seria a língua da literatura consumida mais rapidamente, e o latim a dos registros e documentos para os quais se esperava uma maior permanência.¹²

O francês era uma língua cortesã, voltada a um público refinado mas que escapava do estritamente clerical. Assim, podemos afirmar com grande margem de segurança que mesmo que o mapa tenha sido utilizado na educação de alunos da escola da catedral de Hereford, lá não era seu lugar preferencial. Sua exposição era para um público mais amplo e com uma formação mais aberta. A simples existência de figuras significa que até analfabetos poderiam usufruir as informações do mapa. Muitas não apresentam legendas ou as têm muito lacônicas, reforçando que as imagens deveriam ser capazes de ‘falar por si’. O público de Hereford era, pois, muito amplo, e a nave era o melhor local para apresentá-lo.

Mas, em que local da nave? No altar principal? Isto o distanciaria do público, mas seu tamanho compensava parcialmente esta distância. Porém, Kupfer tem razão ao considerar que um mapa-múndi não é uma peça muito apropriada em um altar maior. Até mesmo porque o maior prazer proporcionado por este tipo de iconografia é permitir que o olhar de quem o vê o percorra livremente, passando de uma figura a outra,

¹¹ CLANCHY, Michael T. **From Memory to Written Record: England 1066-1307**. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers, 1993, p. 168-169.

¹² Idem. Ibid.

procurado referências conhecidas de onde partir e parando em informações novas ou diferentes. Assim, é provável que o mapa ficasse mais perto de seu público.

Como o bispo Swinfield administrou Hereford entre 1283 e 1315 e realizou importantes reformas, é muito provável que o mapa se inserisse nas partes novas da igreja. A nave lateral do transepto norte foi concluída, assim como a torre central e os corredores da nave principal, sob sua administração. Na nave lateral foi enterrado Tomás de Cantilupe, predecessor de Swilfield, principal agente de sua canonização. Na mesma nave há túmulos de outros bispos, incluído Swinfield. Sendo esta uma parte nova da igreja, tendo o túmulo de Cantilupe atraído diversos peregrinos e doações para a igreja, é natural se pensar que neste lugar se punha o mapa, como mais um elemento de atração. Deve-se ter em mente, porém, que o tríptico, ao se fechar, permitia que o mapa fosse transportado com relativa facilidade, assim, muito provavelmente não ficava em um único ponto, sendo transferido para diversos lugares de acordo com as necessidades do momento. O mapa tinha um conteúdo religioso, mas também um grande teor de informações mundanas. Possuía um caráter polivalente, podendo ser utilizado em aulas sobre as partes do *orbe*, sobre a história bíblica ou sobre a vida natural dos animais. Também poderia ser utilizado como ferramenta de reflexão para o crente, com suas referências religiosas. Esta polivalência permite-nos inferir que sua localização deveria ser variável, dependendo de quem o utilizasse e com que finalidade. Mas como não há registros destes usos, e os historiadores são reféns de registros, jamais saberemos em que locais e sob que condições exatamente o mapa era apresentado ao público. Com certeza, apenas, as múltiplas possibilidades.

2. As técnicas e a autoria

O mapa de Hereford foi confeccionado por volta de 1300. Não se tem certeza que o tenha sido em seu atual local de exposição – a cidade de Hereford. É possível que tenha ao menos sido iniciado em Lincoln, no Norte da Inglaterra. A mais antiga evidência do mapa nesta cidade é o livro de notas de Thomas Dingley of Dilwyn, escrito em 1682, no qual há uma descrição relativamente completa. Naquela ocasião o mapa estava exposto na biblioteca da Catedral. Porém, é certo que foi destinado a Hereford desde que foi completado (um pouco antes ou um pouco depois), ficando nesta cidade ao longo dos últimos setecentos anos. As poucas ocasiões, datadas, em que o mapa se

ausentou de seu lugar foram nos anos de 1830, quando foi levado para Londres pela *Royal Geographical Society* para a produção de um primeiro fac-símile por Thomas Ballard of Ledbury, em quatro fólios; em 1855 quando foi feita uma primeira reforma (não foi uma restauração pois se taparam buracos e neste processo algumas figuras e legendas se perderam); finalmente, entre 1946 e 1948 houve uma verdadeira restauração.¹³

O mapa possui cerca de 1.100 inscrições. Está disposto em forma circular. Insere-se em um conjunto que assume a forma pentagonal, derivada da forma da pele do novilho utilizada. Além do mapa-múndi há a representação de três outros objetos. O primeiro ocupa o alto e reproduz a cena do Julgamento Final, com Cristo entronizado julgando os homens e recebendo alguns em Jerusalém Celeste e enviando outros para a boca do Inferno – reproduz cena relativamente comum em tímpanos de catedrais góticas. A segunda figura localiza-se à esquerda e abaixo, e representa o Imperador romano ordenando a três sábios que sigam por todo o mundo e elaborem um relatório a ser entregue ao Senado. Com esta figura o produtor do mapa de Hereford põe-se como continuador desta missão e reforça a imagem da Igreja como substituta do Império Universal que Roma representara. Finalmente, há, abaixo e à direita, a representação de um homem sobre cavalo, sendo seguido por um pajem e um cachorro (um galgo), como quem sai para a caça. Pouco acima da cabeça do pajem está escrito *passé auant* – que em anglo-normando pode ser traduzido como ‘passe à frente’. O mapa propriamente dito ocupa todo o centro. (vide figuras 2, 3 e 4)

Onde estava o pescoço do novilho que forneceu a pele ao pergaminho fica a parte de cima do conjunto, o que explica o afunilamento nesta direção. A pele do animal era de grande qualidade. O novilho foi muito bem alimentado em vida, o que se pode deduzir pela pequena presença de marcas de ossos.¹⁴ Provavelmente foi morto ao redor de um ano de idade, o que garantiu elasticidade e maciez ao pergaminho.

O custo da produção deste mapa não foi pequeno. A pele e as técnicas empregadas implicaram não só o investimento de tempo, mas de muitos profissionais e de materiais de grande qualidade. O mapa nasceu como um produto de luxo.

O desenho foi posto do lado interno da pele, ficando o lado dos pêlos para trás – este lado não é visto desde 1948, data da última reforma, ao fim da qual o mapa foi

¹³ WESTREM, Scott D. **The Hereford Map**. Turnholt [Bélgica]: Brepols, 2001, p. xxv-xxvii.

¹⁴ *Ibid.*, p. xviii.

posto dentro de uma moldura aberta para o lado do desenho mas fechada para o outro lado.

A pele foi curtida por cerca de 10 dias, retirando-lhe quase completamente vestígios de gordura. Depois foi polida com cuidado para minimizar as diferenças de textura e as ondulações naturais. Apenas na parte de baixo se percebe o uso um pouco mais rústico de uma faca, para cortar e raspar o lugar onde o rabo se encontrava com o dorso e onde deve ter ficado uma grande diferença de altura em relação ao resto¹⁵ – o que exigiu medidas mais drásticas. Após seca e alisada, a pele pôde ser usada como uma tela para a pintura. É provável que se tenha trabalhado sobre ela em posição horizontal, disposta sobre uma mesa. Como o trabalho não foi feito todo de uma vez, não deve ter sido emoldurada até sua finalização, o que também facilitaria seu transporte e guarda. Para a preservação do trabalho durante seu processo de confecção, as dobraduras devem ter sido raras – o que permite inferir uma produção relativamente rápida e em um mesmo sítio.

Percebe-se que houve primeiro a confecção de modelos com uma tinta muito leve, sobre os quais se pintaram as figuras definitivas. G. R. Crone acredita que o mapa foi desenhado a partir de um protótipo de cerca de 1100.¹⁶ Todavia, a descoberta dos dois manuscritos da *Expositio Mappae Mundi*, por Gautier Dalché¹⁷, nos permite deduzir que mais que um protótipo a ser copiado, havia um modelo escrito do percurso a ser seguido. Não era um outro mapa, mas uma descrição (*expositio*) do que deveria ser incluído na carta que era o modelo utilizado pelo cartógrafo de Hereford. A dependência medieval da oralidade pode ter permitido ao cartógrafo prescindir de um mapa como modelo diante de seus olhos. Os dois manuscritos descobertos em 2001 pelo historiador francês não estavam acompanhados por mapas. Constituem-se em uma lista de lugares, de suas distâncias relativas e algumas de suas características. O cartógrafo de Hereford pode ter utilizado uma cópia deste documento como seu guia¹⁸, sem o recurso a um modelo visual a ser copiado.

Quanto à semelhança na aparência de diversos mapas, esta pode se dever à grande difusão destes mapas. Os cartógrafos podiam usar um modelo escrito, que

¹⁵ Conferência apresentada por Westrem na **Society for the History of Discoveries**, em 2002. Disponível em <http://www.sochistdisc.org/2002_articles/westrem.htm>. Acesso em: 23/03/2003.

¹⁶ WESTREM, Scott D. **The Hereford Map**. Turnholt [Bélgica]: Brepols, 2001, p. xv.

¹⁷ Idem. Ibid.

¹⁸ Tese defendida por S. D. WESTREM em sua edição do mapa de Hereford, op. cit., vide *Introduction*.

indicasse apenas o conteúdo do mapa, e mesmo assim produzirem mapas muito semelhantes sem copiar diretamente um do outro. A popularidade destes mapas-múndi permitia que os cartógrafos, aliás, os clérigos (que poderiam ser chamados geômetras¹⁹), possuísem um modelo já introjetado de como deveria ser a forma do mundo, seguido automaticamente.

A grande circulação das imagens e dos clérigos permitiu que um determinado modelo se consagrasse. A atividade de confeccionar um mapa não era realizada integralmente diante de um modelo, tampouco seguindo-se exclusivamente as instruções de um manual. Os geômetras medievais utilizavam-se destas duas modalidades de transmissão de conhecimento, a escrita e a imagética, ordenadas pela oralidade e legitimadas pelo uso consagrado de determinadas formas e categorias. O complexo processo de produção de um mapa mural, como o de Hereford, não pode se resumir a um percurso linear. A polifonia era uma das marcas do processo.

Matthew Paris pintou um mapa que se tornou famoso, por volta de 1250. Afirma ter usado como fontes um mapa que se encontrava num livro, feito pelo Mestre Robert Melkeley e então localizado na Abadia de Waltham, e um mapa mural de uma câmara do Palácio de Westminster, confeccionado a pedido de Henrique III. Este último mapa foi destruído em 1885, não restando sequer descrições que permitam uma reconstituição, mesmo que parcial. Dificilmente Matthew Paris copiou os dois mapas ao vivo. As imagens dos mesmos já estavam em sua memória e assim serviram como modelos para as linhas gerais de seu mapa. Estas figuras armazenadas na memória se completavam com sua experiência e o saber adquirido pelo geômetra em seu percurso intelectual.

Acredito que para Hereford possamos deduzir o mesmo processo. A *forma* do mundo já era uma imagem comum na mente das pessoas com um bom refino cultural na Baixa Idade Média. Os modelos utilizados pelo cartógrafo de Hereford eram muito mais

¹⁹ Não havia exatamente uma cartografia medieval, ao menos para a produção dos *mappaemundi*. Os mapas eram produzidos como parte de outros tipos de conhecimento, que iam desde a História até a Teologia. Seus produtores não deveriam ser chamados de cartógrafos, afinal seu trabalho não estava voltado à produção de mapas. ‘Geômetra’ parece-nos um termo mais adequado, afinal, responsáveis pela ‘medição da terra’, e no livro ‘Bodas de Filologia e Mercúrio’, a descrição do mundo é feita por ‘Geometria’. Os mapas eram um meio para outro tipo de conhecimento. Ao longo deste trabalho o produtor de Hereford será, por vezes, chamado de cartógrafo, mas esta denominação deve ser entendida como Moderna e atende a questões de estilo e, por vezes, será chamado de geômetra. Em nossa tese doutoral [A **forma do mundo**: o programa iconográfico do mapa-múndi de Hereford, século XIII], o tema Geometria x Cartografia é tratado na Introdução: p. 14-15 e no Capítulo 2: p. 111-112.

estas imagens mentais que uma miniatura que ele ficasse olhando e copiando enquanto desenhava.

Os três círculos concêntricos que delimitam o mapa-múndi propriamente dito devem ter sido desenhados primeiro. Há uma marca de furo bem no centro da cidade de Jerusalém – centro do mapa – certamente provocada pela pressão da ponta metálica do grande compasso utilizado para a realização das marcações dos círculos. No espaço entre as linhas destes inserem-se inscrições. Mas a razão para sua existência não deve ter sido o de apenas permitir a inserção de dados. Círculos concêntricos eram uma convenção para representar a esfericidade.

As figuras que compõem os conjuntos iconográficos do mapa foram sendo postas por tipos. Inicialmente devem ter sido traçadas as linhas das costas, que separam as massas de terra do Oceano, depois as ilhas – cerca de 105. Foram então desenhadas as maiores figuras e as mais externas. Aparentemente as figuras não foram desenhadas por uma única pessoa, tendo havido a contribuição de diferentes assistentes nesta fase. Nigel Morgan²⁰ acredita que o preenchimento do mapa ocorreu em passos. Os animais, humanos e outros elementos não-paisagísticos foram desenhados e pintados primeiro. Depois vieram os rios e as montanhas, numa outra etapa as cidades, e finalmente os elementos decorativos como o Colosso de Rodas ou o labirinto de Creta, que mais que estética, complementavam as informações sobre os lugares em que foram postos. Talvez cada passo tenha sido controlado por uma pessoa diferente.

Esta perspectiva é contrária à de Harvey, que acredita que o mapa foi inteiramente confeccionado por um único par de mãos²¹, que o teria copiado diretamente de um modelo.²² Morgan e Parkes sustentam que apenas as legendas do mapa foram escritas pela mesma pessoa, exceto as letras em caixa alta nos limites do

²⁰ Conferência ‘*technical survey*’ apresentado no “*Mappae Mundi 1999: The Medieval World Maps Exhibition*”, Hereford, julho/1999, cf. WESTREM, Scott D. **The Hereford Map**. Turnholt [Bélgica]: Brepols, 2001. Conferência apresentada por Westrem na **Society for the History of Discoveries**, em 2002. Disponível em <http://www.sochistdisc.org/2002_articles/westrem.htm>. Acesso em: 23/03/2003.

²¹ HARVEY, P. D. A. **Mappa Mundi: The Hereford World Map**. Hereford/Londres: Hereford Cathedral & British Library, 1996, p. 10.

²² Provavelmente um mapa romano, hoje desaparecido. Este mapa romano seria, também, a demonstração da superioridade da cartografia Antiga sobre a Medieval, mero depósito das informações daquela numa visão de mundo cristianizada. Tendo a considerar que a alegação de que o mapa de Hereford é tão rico porque copiado de um modelo anterior é uma releitura da definição do conhecimento medieval como resultado de uma época de trevas, que não conseguiria ser original, a não ser desvirtuando o conhecimento Antigo – bom por natureza – devido à força obscurantista do cristianismo e da Igreja. Visão que não pode mais se sustentar.

mapa, usadas na identificação dos quatro pontos cardeais, que foram iluminadas num tipo diferente de letra – chamada de Lombarda.²³ A diferença no *ductos* e na tipologia das letras das legendas e destas sugerem um outro escriba. Os estudos mais recentes nos permitem inferir que houve um único gerenciador na confecção do mapa, que deve ter chamado para si a responsabilidade de escrever as legendas, mas utilizou o serviço de outros para auxiliar no trabalho de desenho e pintura. Entretanto, a uniformidade gráfica indica que a confecção do mapa não seguiu o padrão de trabalho dos *scriptoria*, tornando-o semelhante a uma peça de arte moderna, realizada solitariamente por um único autor, com a breve assistência de uns poucos.

Destaque-se que além das legendas referentes aos pontos cardeais, é muito provável que os nomes dos continentes tenham sido grafados por outra pessoa, afinal escritos também em caixa alta, dourados e com um erro crasso. O continente do alto do mapa é corretamente denominado *Ásia*, e sua extremidade é chamada de *Índia*, porém, sobre o continente europeu lê-se *Affrica* e sobre o africano *Eoropa*. O que pode ser explicado pelo fato de algum assistente não ter entendido comandos de direita e esquerda ou por alguém pretender acrescentar um arremate ao mapa, mas que acabou eternizando um momento de lapso ou de ignorância.

Ignorância ou lapso de um assistente, não do coordenador do projeto. Este demonstrou possuir grande conhecimento sobre a natureza, as maravilhas, os povos do *orbe* e a História do mundo, assim como um cuidado especial com a escrita das legendas. Na que indica a largura e a profundidade do continente africano, o cartógrafo de Hereford cometeu um equívoco, tendo escrito *longitudo* quando queria escrever *latitudo*. Percebendo seu erro, pôs uma série de pontos abaixo da palavra errada – um sinal para anulá-la – e escreveu a palavra correta logo depois.

Antes de se escrever as legendas, todo o desenho havia sido feito, incluindo-se os desenhos externos ao mapa, como a representação de César solicitando a geômetras a produção de um mapa do mundo; a representação de um homem sobre cavalo e seu pajem; e a grande representação do Juízo Final no alto. Como todos estes desenhos possuem legendas, é possível que estas tenham sido as primeiras grafadas. Todas estas estão em anglo-normando, diferentemente das internas ao mapa, que estão em latim.

²³ WESTREM, Scott D. **The Hereford Map**. Turnholt [Bélgica]: Brepols, 2001, p. xviii.

Todas as cores do mapa foram obtidas com tintas vegetais e, originalmente, devem ter-se apresentado muito brilhantes, apesar de agora se mostrarem de modo muito opaco – acredito que se pode fazer uma comparação com o teto e o altar da Capela Sistina, que antes da restauração apresentava-se pálido e escuro, mas após a retirada de séculos de poeira reviveu com um brilho tão intenso que surpreendeu a todos²⁴ – o mapadeveria ter aquela luz e, em menor escala, um impacto semelhante. Os mares, originalmente verdes, agora estão marrons, o fundo, originalmente claro apresenta-se amarelado. Os dourados se perderam, deixando apenas leves vestígios. O gosto cromático medieval era extremamente diverso do moderno, em que uma noção dominante de bom gosto faz imperar tons e combinações mais discretas. Os medievais preferiam as cores fortes e os grandes contrastes, assim como o brilho e a luz. A riqueza e a beleza do mapa, hoje, não se comparam às de seu nascimento.

Fenômeno raro na cartografia medieval, conhecemos o autor deste mapa, ou, pelo menos, seu nome. Ricardo de Haldingham e Lafford. Este é conhecido por uma pequena oração, abaixo e a esquerda, que diz:



A todos que tomam esta história,
Ou a ouçam ou a leiam ou a vejam,
Rezem a Deus em sua divindade,
Para que tenha piedade de Ricardo de Haldingham e Lafford,
Que fez e planejou este,
E para quem a alegria no Paraíso seja garantida.²⁵

Além desta informação, dá-se uma data aproximada: *Circa MCCC* – cerca de 1300. Morgan e Parkers consideram que o mapa foi produzido em algum momento entre 1290 e 1300, e sua produção teria levado cerca de um ano.²⁶ Outros especialistas, porém, consideram que o mapa começou a ser produzido por volta de 1278 e, após diversas paradas e retomadas, encerrou-se por volta de 1282 ou 1283.²⁷ A certeza sobre a identidade de Ricardo poderia dirimir esta dúvida, mas não se sabe exatamente quem ele foi.

Holdingham e Slaford (em grafia moderna) são localidades da região de Lincolnshire. Na cidade de Lincoln encontra-se uma catedral que foi um importante

²⁴ Registre-se que as técnicas empregadas, os pigmentos, o suporte e os materiais eram muito diferentes. Ressalta-se, apenas, o impacto cromático e o brilho que o mapa deveria possuir no momento em que ficou pronto.

²⁵ *Tuz ki cest estoire ont Ou oyront ou lirront ou veront, Prient a Jesu em deyte De Richard de Haldingham o de Laffor eyt pite, Ki lat fet e compasse, Ki joie em cel li seit done.*

²⁶ WESTREM, Scott D. **The Hereford Map**. Turnholt [Bélgica]: Brepols, 2001, p. xix.

²⁷ Idem. *Ibid.*, ver notas 10 e 11.

centro intelectual na Inglaterra medieval. Houve um Ricardo de Bello tesoureiro da catedral de Lincoln entre 1270 e 1278, cônego de Slaford (Lafford) em 1277. Seu obituário está no *Lincoln Residentiary Roll*, datando sua morte em quatro de Novembro de 1278. A mensagem que nomeia Ricardo no mapa não afirma que ele esteja morto, mas ao pedir que se reze por sua alma, esta não pode ser uma hipótese descartada. É possível que o herdeiro deste Ricardo tenha concluído o mapa, acrescentando a oração em que pede pela alma de seu parente. Ao que tudo indica, o mapa ainda não estava pronto em 1278. Devendo ter sido concluído entre cinco e dez anos depois, provavelmente por este parente, provável herdeiro.

Por volta de 1289 aparecem, pela primeira vez, registros referentes a um Ricardo de la Batayl. É possível que este Ricardo e o primeiro possuíssem algum parentesco, afinal de Bello e de la Batayl são diferentes grafias (uma latina e outra anglo-normanda) para a mesma palavra – Batalha. Estes dois Ricardos da Batalha parecem estar ligados ao mapa. O segundo Ricardo foi protegido de Ricardo Swinfield, bispo de Hereford entre 1283 e 1315.²⁸ É possível que o segundo tenha herdado do primeiro o mapa pronto, ou quase pronto, e que ao ser recebido pelo bispo de Hereford, tenha feito deste um presente à catedral ou ao bispo que o acolhia. O mapa teria um duplo papel, presente laudatório ao bispo e presente devocional a igreja, pela salvação de Ricardo.

É quase consenso entre os especialistas que o mapa não foi produzido em Hereford. E seu percurso deixa claro que seu mentor, e talvez seu primeiro artista, não o concluiu. É possível, porém, que o mapa já estivesse quase pronto por volta de 1278, tendo sido apenas finalizado por volta de 1290 em Hereford. Talvez o erro na denominação dos continentes tenha sido realizado nesta ocasião, quando o novo artista estava longe das fontes e do ambiente em que a obra foi gestada, e as legendas com letras diferentes das iniciais foram acrescentadas.

Ricardo (ou os Ricardos) poderia ser incluído no grupo que Le Goff chamou de intelectuais da Idade Média. Viveram em ambientes urbanos²⁹, tiveram acesso a conhecimentos universitários (tendo freqüentado ou não uma universidade), apresentavam-se como humanistas – no sentido em que recorreram à cultura Antiga na

²⁸ Para um levantamento mais completo da vida destes Ricardos, ver: DENHOLM-YOUNG, N. The Mappa Mundi of Richard of Haldingham at Hereford. In: *Speculum*, 32, 1957, p. 307.

²⁹ LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 20.

confeção do mapa, mas também porque seu empreendimento valoriza o saber humano e a capacidade de conhecer e controlar a natureza e o universo.³⁰ Este intelectual teria uma inserção importante nos debates ideo(teo)lógicos do final da Idade Média. Sua origem universitária faria dele um intelectual orgânico do projeto escolástico e eclesiástico, redundando a partir do século XIII na aristocratização da universidade e na dogmatização do pensamento.³¹ A Ricardo cai bem este papel, e a seu mapa, o de veículo destas concepções.

Não se sabe a destinação originalmente pensada para o mapa, mas a se confirmar a teoria de que migrou do norte para o sul da Inglaterra devido ao *patrocinium* obtido por um clérigo, sua atribuição final foi a de um presente de luxo.³² No século XIII estes presentes não eram apenas provas de reverência entre doador e receptor, mas, quando levados a igrejas, desempenhavam funções devocionais. A doação a uma igreja visava à salvação da alma. O pequeno pedido por oração que se inscreve na carta não era apenas uma homenagem entre parentes, mas ligava-se à função que o mapa possuía como um presente – auxiliar a Salvação de Ricardo. Talvez esta fosse também sua intenção original, apenas mudando o destinatário. O(s) produtor(es) do mapa eram homens muito bem educados, com acesso a boas fontes de informação mas também a materiais caros e a serviços de qualidade. Da seleção do novilho que forneceu o pergaminho ao trabalho de escrita das legendas, tudo foi feito com muito capricho e sem parcimônia nos gastos. Seu produtor e seu público alvo preferencial certamente eram aristocratas ou de formação aristocrática. Uma corte episcopal, com certeza.

³⁰ LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Trad. Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 48-53.

³¹ Idem, p. 101. LÍBERA, Alain de. **Pensar na Idade Média**. Trad. Brasileira. São Paulo: Editora 34, 1999, apresenta críticas interessantes à perspectiva de Le Goff, considerando que a tensão entre o intelectual independente (crítico) e o universitário (intelectual orgânico do clero) foi exagerada – entre estes dois extremos haveria espaço para outras modalidades e possibilidades de pensamento – ver em especial o Capítulo 5. Porém, para a figura de Ricardo, sua definição como de intelectual orgânico de uma hegemonia eclesiástica ajuda a entender a construção e a finalidade do mapa de Hereford.

³² Tradicionalmente, os historiadores da arte consideram que a Idade Média não possuía arte em sentido moderno. Jean Claude SCHMITT, ao contrário, levanta que o valor dos objetos, a busca por mestres qualificados, o luxo na produção, podem caracterizar estes objetos como arte. Ver: SCHMITT, Jean Claude. *Imago: de l'image à l'imaginaire*. In: BASCHET, Jerome; SCHMITT, Jean Claude. **L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval**. Paris: Le Léopard d'Or, 1996, p. 29-37.

Figuras

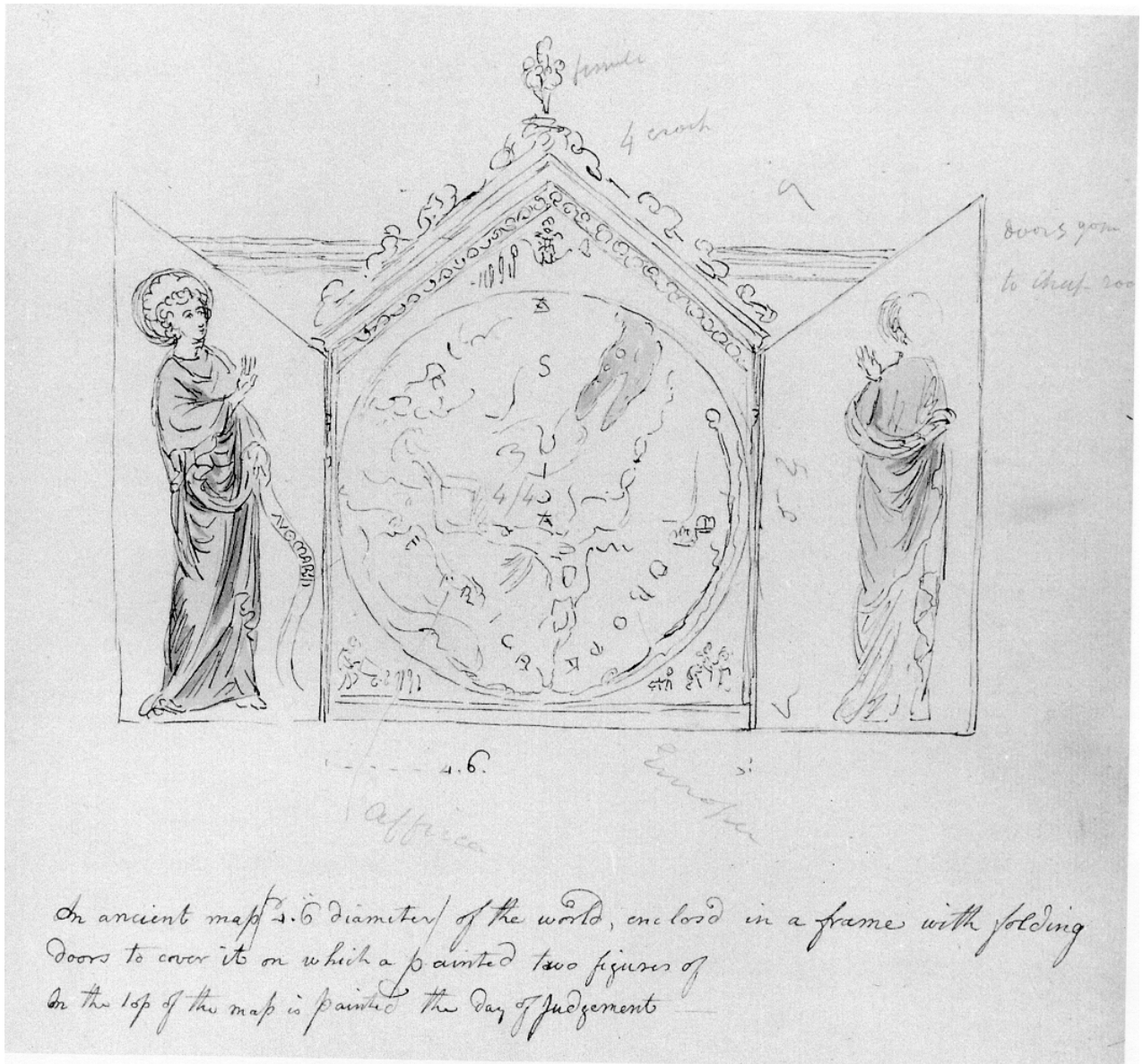


Figura 1 – Tríptico – Extraído de P. D. A. HARVEY, *Mappa Mundi*, p. 15.



Figura 2 – Mapa-múndi de Hereford. Foto do original, S. D. Westrem, extraída de *The Hereford Map*, op. cit., avulso.



Figura 3 – personagem eqüestre, provavelmente Ricardo, extraído de cópia fac-símile do mapa de Hereford. Wychwood Editions, baseada em fac-símile de Konrad Miller.



Figura 4 – César ordenando aos sábios geômetras a confecção de um mapa-múndi – extraído de cópia fac-símile do mapa de Hereford. Wychwood Editions, baseada em fac-símile de Konrad Miller.